

A SINTAXE DE APOLÔNIO DÍSCOLO

Maria Helena de Moura Neves
UNESP-C.Ar./ CNPq- Brasil

RESUMO: *Apolônio Díscolo tem um papel importante na história das idéias gramaticais, especialmente no campo da sintaxe. Com intenção declarada de empreender uma obra de sistematização completa dos fatos gramaticais da língua grega, Apolônio inaugura a análise das funções, centrando-se na propriedade de "congruência dos significados" que a oração completa tem. Defendendo o princípio do paralelismo, Apolônio Díscolo parte da oração como domínio da sintaxe, mas considera, afinal, que a sintaxe abarca todos os níveis, pois constitui o conjunto de regras que regem a síntese dos elementos, em todos os estratos. Assim, a obra de Apolônio Díscolo, mesmo investigando fatos particulares de uma língua, nunca perde de vista o sistema, e busca, em última análise, a apreensão de princípios gerais.*

PALAVRAS-CHAVE: *Sintaxe; Apolônio Díscolo; História da Gramática*

Apolônio Díscolo merece um lugar especial na história das idéias gramaticais. Dentro do quadro da instituição da disciplina gramatical no Ocidente, ele representa o marco da consideração da sintaxe como ponto central da análise lingüística, consideração que se baseia na "afirmação constante da regularidade existente na união dos elementos" (Neves, 1987, p. 129).

Apolônio não tentou, como os filósofos gregos que trataram problemas lingüísticos, uma teoria da linguagem. Não se arriscou nas controvérsias que buscavam a origem da linguagem (naturalismo ou convencionalismo) e as relações entre linguagem e pensamento (analogia ou anomalia). Nem mesmo buscou definir a natureza da gramática (ciência ou arte), questão à qual filósofos e gramáticos se tinham dedicado. Aliás, ele já tinha uma tradição gramatical atrás de si: a gramática alexandrina já tinha representatividade, embora não nas questões de sintaxe. Ele foi, na verdade, o único gramático antigo que escreveu uma obra completa e independente sobre sintaxe, a qual, segundo Egger (Egger, 1854, p. 55), testemunha uma disciplina gramatical já solidamente constituída.

Essa conexão entre pontos já tratados em um corpo de doutrina e pontos para os quais subseqüentemente se passa revela, aliás, uma preocupação de Apolônio Díscolo que quero, de início, destacar, pelo que ela representa de novo para a sua época: a intenção de empreender um "estudo sistemático" (*Da sintaxe* II, 113) e completo da língua grega. Não mais se empreende o isolamento dos elementos ("das partes da oração") como fizera Dionísio o Trácio (Uhlig, 1883), mas o que se busca é a sintaxe, o relacionamento dos elementos. No livro I 60 do *Da sintaxe*, Apolônio diz que sua obra constitui uma investigação das questões sintáticas suficiente para permitir a correção de quaisquer erros no âmbito da oração (*Da sintaxe* I, 60). Sua apresentação dos fatos é muito confiante,

transmitindo a impressão de que, com o que ali se diz, todas as dificuldades podem ser resolvidas.

Apolônio Díscolo viveu na primeira metade do século II d. C. Cerca de duzentos anos o separaram de Dionísio o Trácio, portanto. A época é outra, as preocupações são outras, a obra é, portanto, outra. O que é especialmente importante é que, na sua época, a filosofia grega, que preparara o edifício teórico para os estudos da linguagem – e, a partir daí, da língua grega –, já ia bem distante, e a distância no tempo é excelente purificador de ótica.

Algo, porém, une as duas obras: a base da doutrina é assentada exclusivamente na observação da língua grega. Apolônio Díscolo buscou princípios e regras observando a linguagem em sua tradição, partindo de uma pluralidade de exemplos¹ e considerando, especialmente, a analogia das formas entre si². Julgava ele, porém, que deveria ser objeto de análise "a língua comum, qualquer que seja, ou a mais fina composição em prosa", já que a sintaxe poética se permite elipses e pleonasmos (*Da sintaxe* II 49).

Apesar de seu cuidado especial da sintaxe, Apolônio Díscolo tratou, em sua obra, praticamente todos os fatos de língua, desde questões diacrônicas (*Dos acidentes*) até questões estilísticas (*Das figuras; Das figuras homéricas*), contemplando, ainda, a ortografia (*Da ortografia*), a prosódia (*Da prosódia*), os dialetos (*Dos dialetos dórico, jônico, eólico, ático*). Tratou tanto as partes da oração (*Da divisão das partes do discurso; Dos nomes; Dos verbos; Dos participios; Do artigo; Do pronome; Da preposição; Dos advérbios; Das conjunções*) quanto os elementos (*Dos elementos*).

Os livros supérstites de Apolônio Díscolo, são, porém, apenas quatro: *Do pronome, Das conjunções, Dos advérbios e Da sintaxe das partes do discurso*³. A doutrina de Apolônio, porém, pode ser reconstituída na leitura da obra de Prisciano, que confessa "seguir" a sua "autoridade" (*Institutiones grammaticae* VIII 1 e 2; in Keil, 1857-1870). Essa reconstituição é facilitada, também, pelo fato de Apolônio Díscolo tratar dos mesmos temas em diversas obras, insistindo nos princípios que adota e nas lições que propõe.

Dissemos da importância da consideração da sintaxe, que estivera ausente da gramática alexandrina incipiente. Pelas próprias necessidades que condicionaram sua tarefa, ela se preocupou basicamente com a classificação e a sistematização das formas, não com a análise das funções.

E onde está a sintaxe para Apolônio Díscolo? Ele abre o seu livro *Da sintaxe* afirmando que a exposição compreenderá a construção (*syntaxis*) das palavras, feita em vistas à congruência (*katallelótes*) da oração perfeita (I, 1). A sintaxe, na verdade, abarca todos os níveis, constituindo o conjunto de regras que regem a síntese dos elementos, sob o princípio básico de que a língua é uma série

1. Isso ele diz no *Da sintaxe* I e no *Do pronome*, p. 91.

2. Veja-se *Da sintaxe* I 60, onde ele contrasta a aprendizagem isolada das formas das palavras com a aprendizagem "do acervo da tradição literária helênica e da analogia que lhe é inerente."

3. As obras supérstites de Apolônio Díscolo estão editadas por B. G. Teubner, em *Grammatici graeci*, 1867-1910, com aparato crítico e comentários de G. Uhlig ou G. Schneider. As obras *Das conjunções* e *Dos advérbios*, bem como os escólios sobre Dionísio o Trácio, estão editados por I. Bekker, em *Anecdota graeca*, 1965.

de elementos relacionados. Entretanto, é a oração completa (o **autotelès lógos**), que é o domínio da sintaxe, porque nela existe a congruência ou coerência, obtida apenas quando nome e verbo se juntam.

Uma questão importante na investigação de Apolônio Díscolo é a consideração de dois níveis, o do conteúdo e o da forma. A "oração completa" é definida pela "congruência dos significados" (*Da sintaxe* I 2 ; IV 16), mas ao mesmo tempo se considera que a congruência ou a não-congruência gramatical reside na construção das palavras, "que vão tendo sua forma adequadamente transformada, enquanto mantêm os conteúdos básicos" (*Da sintaxe* III 10). Isso implica a consideração de que a congruência da oração se obtém de uma adequação formal (*Da sintaxe* III 27) dos elementos da oração, segundo os acidentes : gêneros, números, casos e pessoas (*Da sintaxe* III 13). A oração se define, pois, por determinações da congruência do conjunto, ou do significado, mas também por determinações da forma e da função das palavras.

No estudo da oração, grande parte é dedicada à diátese (*Da sintaxe* III). A ação e a paixão são propriedades do verbo, enquanto ser agente, ou ser paciente, é coisa própria dos "corpos", aos quais se impõem nomes (*Da sintaxe* I 16). Essa propriedade dos verbos é derivada da dos nomes, razão pela qual o estudo do nome deve preceder o do verbo.

Arelações dos nomes com os verbos se resolvem, pois, na relação de voz, inerente ao próprio modo verbal, inclusive ao infinitivo (*Da sintaxe* I 147). A atividade é algo que passa a algum objeto, como em "te golpeio", de que se deriva a passiva "és golpeado" (*Da sintaxe* I 148 e 159). verbos que não possuam um objeto paciente, uma entidade que receba a ação, dos quais são exemplos "viver", "envelhecer" e "existir" não formam passiva; admitir uma flexão passiva desses verbos seria o mesmo que admitir o masculino de "histérica" ou de "abortada" (*Da sintaxe* I 149). Verbos que intrinsecamente indicam passividade, como **ophtalmiô**, "padecer da vista", também não formam voz passiva (*Da sintaxe* I 50). Há, ainda, verbos como **deipnô**, "almoçar", que têm significação ativa, mas não comportam formação passiva porque os objetos da ação verbal que eles indicam são inanimados e, portanto, não-pacientes; entretanto, **deipnízo**, "convidar a comer", "fazer que alguém participe do almoço", que admite um caso oblíquo em acusativo de um ser animado, apresenta formação passiva (*Da sintaxe* I 152-153). Alguns verbos transitivos, por outro lado, podem ser usados em sentido absoluto, no qual são intransitivos, como em "ele lê", "ele não sabe ler", "não golpeies"; nesse caso, não podem converter-se em passivos, diferentemente do caso em que se usam mais concretamente, com acusativo, como em "ele lê Alceu" (*Da sintaxe* I 156).

Na transformação de voz ativa em voz passiva a relação de agente a paciente se mantém, alterando-se apenas o caso, seja corporal ou seja psíquica a ação (*Da sintaxe* I 159). O que Apolônio afirma, pois, é que as relações semânticas básicas não se alteram mesmo que se disponham diferentemente os termos da oração.

Retomemos a afirmação feita acima de que a sintaxe, em Apolônio Díscolo, não é considerada exclusivamente no domínio maior e acabado da oração. Com efeito, o próprio estudo dos elementos (as vogais e as consoantes) vem

abrigado no livro *Da sintaxe*⁴. E no *Da sintaxe* a teoria dos elementos é considerada paralelamente à teoria das partes do discurso.

Nesse estudo das partes do discurso, encontrado no *Da sintaxe*⁵, novamente a base de exame é a regularidade do arranjo das unidades menores, para formação das maiores. Apolônio coloca as partes do discurso em uma ordem que "imita a proposição completa" (*Da sintaxe* I 14).

Uma outra classificação das palavras que se pode depreender dos textos de Apolônio Díscolo é a que se refere à sua função no enunciado. Todas as partes da oração entram em relação sintática seja com o verbo seja com o nome, e daí recebem sua denominação (*Da sintaxe* I 36). Quer dizer, o funcionamento de todas as demais classes depende da sua relação com essas palavras essenciais. daí que se proponham, para as palavras que entram em relação com o nome ou com o verbo, três categorias de construção sintática, a partir do fato de que "é preciso considerar em cada uma delas a que se usa com e a que se usa em substituição do nome e do verbo, ou, ainda, em ambas (as funções)" (*Da sintaxe* I 36).

1. Relação com:
 - a. do artigo com o nome, com o verbo (o infinitivo), ou "com qualquer outra palavra, contanto que dela não se indique mais que a forma pura e simples"; ex.: **o mén** (*Da sintaxe* I, 37);
 - b. do nome com o verbo;
 - c. do verbo com o advérbio.
2. Relação "pro": do pronome com o nome.
3. Relação "com" e "pro":
 - a. do pronome com o nome;
 - b. do particípio com o verbo.

Especialmente falando do pronome de terceira pessoa (**autós**, "ele próprio"); Apolônio Díscolo ressalva que o que ocorre, no seu uso, não é uma simples substituição do nome, já que o pronome indica também anáfora – que é uma segunda menção – razão pela qual ele se emprega não em substituição ao nome puro e simples, mas no lugar do nome com artigo (*Da sintaxe* I, 25 e II, 9). E os dêiticos (os pessoais de primeira e de segunda pessoa e os demonstrativos) não se empregam em substituição ao nome; eles se usam onde o nome não pode, ou não deve, ser usado. isso significa dizer que o dêitico pessoal tem a sua própria função; quer dizer que, em determinadas situações, não cabe o uso do nome, porque este carece de poder dêitico, que é justamente o que caracteriza os pronomes. Quanto aos demonstrativos, eles podem não fazer uma dêixis, no sentido de marcar algo que está à vista, mas fazer uma dêixis mental, o que constitui, na verdade, uma anáfora (*Da sintaxe* II, 11-12).

O nome não se constrói com as outras palavras, mas são elas que se constroem com ele, já que é ele que representa a **ousfa**. Por isso, não se estuda a sintaxe do nome por si, mas a sintaxe do artigo em relação ao nome, assim como

4. Lembre-se que Apolônio tinha um livro específico sobre os elementos, mas esse livro se perdeu.

5. Lembre-se que o livro *Sobre a divisão das partes do discurso* também se perdeu.

em relação ao pronome e ao verbo, isto é, ao infinitivo (relação "com"). É por isso que o artigo, que precede o nome, vem em primeiro lugar no estudo da sintaxe das partes do discurso. A sintaxe do artigo vem discutida no Livro I do *Da sintaxe*, logo após a determinação do número e da ordem das partes do discurso, na qual se atribui precedência ao nome e ao verbo.

Quanto à teoria das classes de palavras, façamos algumas observações sobre o nome, o pronome, o artigo e a conjunção.

Quanto ao estudo do nome e do pronome, é interessante observar a concepção de Apolônio Díscolo, segundo a qual neste último se expressa a existência (*ousía*), enquanto no primeiro se expressa não somente a essência, mas ainda a qualidade (*poiótes*), sendo isso exatamente o que distingue as duas classes (*Da sintaxe* I 120; II 47; II 24; I 138), que estão, pois, em relação complementar. Para Apolônio, na verdade, o nome designa a coisa por meio de suas qualidades, o que quer dizer que o nome descreve, de certo modo, a coisa. O pronome, por sua vez, indica de dois modos a coisa: na sua presença (*deixis*) ou na sua ausência (*anaphorá*).

O estudo do artigo pode ser considerado como altamente privilegiado por Apolônio, que lhe dedica todo o Livro I do *Da sintaxe*. Ele considera o artigo como o elemento que se coloca diante de palavras cujo sentido é bem determinado no espírito de quem fala, sendo pois a *anaphorá* ("relação") a característica determinante dessa classe de palavras. Essa relação é fundamental na teoria de Apolônio Díscolo (*Da sintaxe* II 10; I 43; I 58; IV 59; *Do pronome* p. 6, 10, 16), que rejeita a idéia estóica, adotada por Dionísio o Trácio, de que o artigo é um meio de distinguir os gêneros. Nenhuma parte do discurso tem como função resolver a ambigüidade de outra, diz Apolônio (*Da sintaxe* I 38); de um lado a distinção dos gêneros pode ficar evidente sem necessidade do uso do artigo, e, por outro lado, mesmo com seu uso, ela pode não ficar evidente, já que é no conjunto da construção que o gênero duvidoso de um nome se esclarece. O ponto central da teoria é que a função do artigo não é marcar a distinção de gênero, mesmo porque algumas formas do artigo – por exemplo, as do genitivo plural – são iguais para os diversos gêneros. E, finalmente, se a função do artigo fosse essa, os nomes com gênero evidente não levariam artigo, e este só se colocaria antes dos nomes de gênero duvidoso, como, por exemplo, *theós*, "deus" ou "deusa". Os dois tipos de artigo, o protático e o hipotático, são colocados, por Apolônio, na mesma classe exatamente pelo caráter de "anáfora" de ambos. Mas eles se distinguem não é apenas na forma e na colocação, mas também na sintaxe, pois o artigo protático e o nome que ele acompanha formam frase com o mesmo verbo, enquanto o hipotático requer outro verbo (*Da sintaxe* I, 142).

A sintaxe das conjunções é tratada no Livro IV do *Da sintaxe*, mas a maior parte desse livro se perdeu. Às conjunções, Apolônio atribui um significado autônomo, isolado; ele considera que elas obtêm seu significado a partir das relações que estabelecem, de modo que uma conjunção, diferentemente do que afirmava Dionísio o Trácio, não somente significa (*semánei*), mas ainda cossignifica (*synsemánei*), isto é, significa em decorrência da relação estabelecida.

E, afinal, onde se estabelece a classe de uma palavra? Apolônio Díscolo sustenta que as palavras, "transferidas de sua função sintática", podem "cumprir as funções específicas de outras, adotando a denominação delas" (*Da sintaxe* II 33). Isso nada mais significa do que atribuir ao uso contextual a determinação da classe

a que [ertence uma palavra. É esse princípio que explica por que os participios designam uma ação, e, entretanto, podem construir-se como substantivos (*Da sintaxe* I 122-123; II 33), e por que, de modo inverso, os nomes (certas formas neutras de plural) podem construir-se como advérbios (os advérbios de origem nominal, como *kállista*, "muito bem", ou *kýkloi*, "ao redor") (*Da sintaxe* II 33).

Muita coisa teríamos por dizer, já que a obra de Apolônio Díscolo é muito extensa, os assuntos tratados cobrem quase todo o campo da análise lingüística e o peso de suas conceituações é bastante forte na história das idéias gramaticais. O que de mais significativo, porém, parece que nos cabe lembrar, porém, é que, se Apolônio Díscolo se preocupa com um estudo de grande detalhamento, submete-o, entretanto, a um método regrado; e que, se não se desvincula do tratamento lógico que marcou decididamente os estudos gramaticais da tradição helenística, não abandona a consideração do uso. Finalmente, que Apolônio Díscolo compõe uma obra que, embora efetue uma análise de fatos particulares, nunca perde de vista o sistema.

ABSTRACT: *Apollonius Dyscolus plays an important role in the history of the grammatical ideas, especially in the syntax field. With a clear intention of undertaking a work where a complete systematization of the grammatical facts of the Greek language takes place, Apollonius inaugurates the analyses of the functions, concentrating on the property of the "meaning congruences", found in a complete sentence. Defending the principle of parallelism, Apollonius Dyscolus' starting point is the sentence as the domain of syntax, but he considers, after all, that it includes all the levels, because it constitutes the set of rules which governs the synthesis of the elements in all strata. Thus, even investigating particular facts of a language, Apollonius Dyscolus' work never loses sight of the system and searches, in the final analysis, for the apprehension of the general principles.*

KEY-WORDS: *syntax, Apollonius Dyscolus, the history of grammar*

BIBLIOGRAFIA

- BEKKER, I.** *Anecdota graeca*. Graz: Akademische Druck u. Verlagssanstalt, 1965.
- EGGER, E.** *Apollonius Dyscole. Éssai sur l'histoire des théories grammaticales dans l'antiquité*. Paris: Auguste Durant, 1854.
- KEIL, H.** (ed.) *Grammatici Latini*. Leipzig: B. C. Teubner, 1857-1870.
- NEVES, M. H. M.** *A vertente grega da gramática tradicional*. São Paulo: Hucitec-Ed. Universidade de Brasília/Fapesp, 1987.
- SCHNEIDER, R. et UHLIG, G.** *Grammatici graeci*. Leipzig: Teubner, 1867-1910.
- UHLIG, G.** *Dyonisii Thracis Ars Grammatica*. Leipzig: Teubner, 1883.